

Julie Caplin

A  
pequena  
padaria  
do  
Brooklyn



A  
pequena  
padaria  
do  
Brooklyn

Título original: *The Little Brooklyn Bakery*

Copyright © 2018 Julie Caplin

Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Carolina Rodrigues

*preparo de originais:* Sheila Til

*revisão:* Mariana Bard e Suelen Lopes

*diagramação:* Natali Nabekura

*adaptação de capa:* Miriam Lerner | Equatorium Design

*capa:* © HarperCollinsPublishers Ltd 2018

*imagem de capa:* © Shutterstock.com

*impressão e acabamento:* Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C242p

Caplin, Julie

A pequena padaria do Brooklyn / Julie Caplin ; tradução Carolina Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.

352 p. ; 23 cm. (Destinos românticos ; 2)

Tradução de: The little Brooklyn bakery

Sequência de: O pequeno café de Copenhague

ISBN 978-65-5565-431-8

1. Romance inglês. I. Rodrigues, Carolina. II. Título. III. Série.

22-80580

CDD: 823

CDU: 823(410)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br



## Capítulo 1

– É uma ótima oferta – disse Sophie. Ela sentia um leve aperto no coração por ter que recusar. Um dia ainda visitaria Nova York. – Mas não vejo como ir no momento – acrescentou.

Angela, a editora-chefe de Sophie, fez uma careta.

– Eu entendo, foi mesmo de última hora. Quero esganar a Mel por ter quebrado a perna.

– Acho que ela não fez de propósito – observou Sophie.

– Ainda assim, é um grande inconveniente. Tem uma fila de gente querendo a vaga dela de seis meses em Nova York, mas você é minha melhor colunista de culinária. Você seria *incrível* lá.

– É muita gentileza sua, Angela.

– Gentileza?

A mulher ergueu as sobrancelhas finíssimas.

– Não é gentileza, Sophie, é sinceridade. Você é uma colunista extraordinária, e eu queria... e não ouse repetir isso... que você expandisse seus horizontes.

– Você só está dizendo isso porque ficou sem saída – provocou Sophie.

– É, por isso também – concordou Angela, colocando a caneta na mesa com uma risada autodepreciativa. – Mas pelo menos pense a respeito, está bem? É uma oportunidade extraordinária. Não é sempre que aparece uma chance de ir para outro país. Se eu não tivesse os gêmeos, nem pensaria duas vezes.

– Você falou com Ella? Acho que ela adoraria ir – sugeriu Sophie.

Angela inclinou a cabeça.

– Aquela lá tem 29 anos, mas cabeça de 15. Seria um desastre.

– Talvez não seja tão ruim assim.

Angela arqueou novamente as sobrancelhas.

– Eu sei como você a ajuda, Sophie. Acho que Ella não sobreviveria aqui sem você.

Sophie deu um sorrisinho atrevido.

– Mais um motivo para não me mandar para Nova York.

Com uma risada que mais parecia um latido, Angela fechou o laptop.

– Nisso nós podemos dar um jeito.

O rosto da editora-chefe voltou a ficar sisudo no instante em que Sophie se levantou para sair.

– É sério, Sophie. Pense no assunto.



Sophie voltou para o escritório principal, onde todos ainda falavam sobre o som horrível de osso se quebrando quando Mel pulou de uma mesa no pub no final de sua despedida para “ir morar em Nova York por seis meses”. O balão murcho em que se lia “Vamos sentir saudade” ainda balançava acima da cadeira dela. Precisavam tirar aquilo antes que a mulher com o americaníssimo nome Brandi Baumgarten chegasse para se apossar do espaço. A coitada merecia mais do que marcas pegajosas de prosecco e migalhas do biscoitinho favorito de Mel espalhadas pela mesa.

Sophie pegou uma tesoura e foi até o balão. Cortou a linha e, satisfeita, o tirou dali. Tinha feito a escolha certa ao recusar a oferta de Angela. A ideia de assumir o posto de Brandi do outro lado do oceano era mais do que aterrorizante. E pensar que a pobre mulher iria sozinha para Londres, para uma cidade desconhecida. Sophie quase estremeceu. Talvez devesse fazer uns cookies para ela, daqueles bem grandes e macios, com muito chocolate, para dar as boas-vindas e fazê-la se sentir em casa. E café. Os americanos adoravam café. Talvez um pacote completo de boas-vindas à Inglaterra. Explicar Londres de A a Z. Um guarda-chuva. Um...

– Terra chamando Sophie. Como se escreve *gâteau*?

– Desculpe. O que você disse? – perguntou Sophie.

Ela puxou o balão e o furou com a tesoura.

– Boa – disse Ella, a outra colunista de culinária da *CityZen*. – Eu ia fazer isso. Quer dizer, pensei em fazer. Como se escreve *gâteau*? Nunca lembro.

Sophie soletrou a resposta e sentou-se à sua mesa, de frente para Ella.

– O que Angela queria? Algum problema?

Sophie fez que não com a cabeça, ainda meio perplexa com a sugestão de ir trabalhar na *CityZen* de Manhattan. Se contasse aquilo, Ella nunca mais pararia de falar sobre o assunto.

– Como foi o fim de semana? – perguntou Ella, e fez uma careta. – Ah, pelo amor de Deus! O corretor mudou a palavra. Pode soletrar de novo? Eu fui àquele restaurante francês que abriu em Stoke Newington. Tem que andar um pouco pra chegar lá, mas... Ah, como estava o Le Gavroche no sábado? O que foi? Não, ele não fez isso!

Sophie se encolheu e se forçou a dar um sorriso.

– Infelizmente não fomos lá. A mãe dele estava doente.

– Ah, pelo amor de Deus, essa mulher vive doente.

– Ela não tem culpa – contrapôs Sophie, ignorando a vizinha na sua cabeça que concordava com Ella.

Era errado desejar que a Sra. Soames adoecesse em momentos um pouquinho mais convenientes?

– E foi uma emergência dessa vez. Ela teve que ir de ambulância para o hospital. Coitado do James, passou a noite toda lá, aguardando notícias.

– Você é legal demais – repreendeu Ella. – E complacente demais. Ele não te merece.

– Eu não o amaria se ele não fosse legal. Quantos homens você conhece que colocam a família em primeiro lugar?

Ella contraiu os lábios pintados de rosa-claro cintilante. Aparentemente, ela fizera outra incursão ao armário da editoria de beleza.

– Bem, isso é verdade. Greg esqueceu o Dia das Mães, o meu aniversário e o nosso aniversário de namoro.

Sophie quis revirar os olhos, mas se conteve. Greg não se lembrava de quase nada além dos próximos jogos de seu time de futebol.



– Você cozinha maravilhosamente bem – elogiou James ao pousar o garfo e a faca.

Sophie assentiu, muito satisfeita com o resultado do curry: adocicado e condimentado na medida certa, com batatas na consistência perfeita.

Eles estavam na cozinha espaçosa dela, sentados à mesa decorada com uma vela. As noites de segunda-feira eram as favoritas de Sophie. Era quando cozinhava algo especial, porque sabia que James teria voltado de um fim de semana inteiro cuidando da mãe. Ele passava três dias da semana com ela e ficava com Sophie nos outros quatro. Sophie suspeitava de que a Sra. Soames não estivesse tão mal assim, apenas gostasse de ter o filho por perto. E quem poderia culpá-la?

– Eu deveria me casar com você.

Ele deu uma piscadela e pegou a taça de vinho, girou o líquido, inspirou o aroma e o apreciou. E era para apreciar mesmo, pois se tratava de um Merlot australiano do qual ela correra atrás por recomendação do sommelier do trabalho e que lhe custara uma pequena fortuna.

– Deveria mesmo – respondeu ela, o coração martelando desconfortavelmente.

Não era a primeira vez que ele dizia algo assim. E ela se lembrou de sábado, do Le Gavroche e do segundo aniversário de namoro deles, da esperança que tivera de...

– Então, como foi o trabalho hoje?

Isso era algo adorável em James: sempre se mostrava interessado.

– Lembra que contei que a Mel saiu na sexta? Ela quebrou a perna e agora não pode mais ir para Nova York – contou Sophie, que riu e hesitou antes de acrescentar: – Angela me pediu para ir no lugar dela.

– O quê? Para Nova York?

James pareceu assustado.

– Não se preocupe, eu recusei. Não vou abandonar você.

James sorriu e deu tapinhas de leve na mão dela.

– Se você quisesse ir, eu não ficaria chateado.

Ele parou e então levou a mão dela aos lábios.

– Mas ia morrer de saudade, querida. Seria horrível você estar tão longe.

Sophie se levantou e o abraçou, feliz por não ter dado muito crédito aos

elogios de Angela. Ela adoraria ir a Nova York um dia. Talvez ela e James pudessem ir juntos. Em lua de mel, quem sabe?

James se virou e se aninhou no pescoço dela.

– Vamos para a cama cedo? Estou moído. Dirigir da Cornualha até aqui é de matar.

– Só preciso arrumar as coisas.

Sophie deu uma olhada nos utensílios espalhados. Desejou não ter feito tanta bagunça e que James não estivesse sempre tão cansado. Mas não podia pedir que cuidasse da cozinha, não depois de ele ter dirigido mais de 300 quilômetros.

E ela realmente não podia reclamar. Quantas pessoas da idade dela tinham uma cozinha como aquela? Ou moravam em um apartamento incrível em Kensington? O pai dela insistira no presente, teria sido rude recusar. Ela o amava demais, mas isso não significava que o deixaria mandá-la para uma escola particular elitista (ela estava acostumada à escola local) ou ajudá-la a conseguir um emprego (falar com alguém do conselho diretor). Não parecia certo usar seu título.

Depois de limpar tudo, foi para o quarto. James dormia profundamente e o cômodo estava às escuras. Ele nunca se lembrava de deixar a luz da cabeceira acesa para ela. Em silêncio, Sophie tirou a roupa e se deitou. Aconchegou-se perto dele, mas não foi correspondida. O coitado estava exausto. Acabado. Ela sorriu e afastou a franja desgrenhada da testa dele. Era um bom homem. Cuidava da mãe sem reclamar. Sophie fechou os olhos. Era uma mulher de sorte. Quem precisava de Nova York?



Atrasada. Vejo você lá. E é meu dia de folga, mas amo que você seja tão leal. Bjs, Kate.

Sophie sorriu com a mensagem. Kate era ainda pior do que ela: sempre tentando fazer mais do que o humanamente possível. E Sophie podia apostar até o último centavo que a amiga dormira na casa do namorado, Ben, o que era o motivo real de estar atrasada. Os dois estavam no início do relacionamento, a paixão pegando fogo, não se desgrudavam. Não que

Sophie se lembrasse de ter tido algo assim com James. Tudo entre eles tinha sido mais leve, um pouso suave no amor, sem o mergulho no precipício. Sophie não sabia se conseguiria lidar com uma atração sexual tão intensa feito aquela. Não fazia seu estilo e parte dela se perguntava se aquele comportamento não era meio egoísta. O amor não deveria ser gentil, acolhedor e aconchegante, algo que cresce ao receber atenção e cuidado? Mas a euforia e a felicidade de Kate deixavam o coração de qualquer um quentinho. E Sophie não podia negar que ficava arrepiada com a intensidade do olhar que Ben direcionava à amiga.

Enquanto esperava seu cappuccino ouvindo o sibilo industrial da máquina de café pilotada por uma das garotas de sábado, ela olhou mais uma vez para os doces dinamarqueses. Não deveria, mas eles pareciam tão saborosos... É, ok. Era impossível resistir ao pãozinho de canela.

Com um prato em uma das mãos e a xícara na outra, enquanto tentava manter o ombro reto para que a bolsa não escorregasse e batesse em alguma mesa, Sophie conseguiu abrir caminho por entre as cadeiras vagas e seguir em direção a seu lugar favorito, no canto, de onde podia observar as pessoas na rua.

Infelizmente, a mesa estava ocupada por uma mulher jovem de ar cansado e uma criança pequena que se esgoelava. Indignada, a menininha de olhos azuis acenava com a colher de plástico para o pote de iogurte que a mãe mantinha longe de seu alcance. Sophie entendeu por que ele estava fora da área de risco: a menininha já conseguira sujar o cabelo todo, e a mãe tentava limpá-la. Parecia uma luta contra um polvo.

Ela se sentou à mesa ao lado, observando a cena com um sorriso terno. Estava prestes a se virar quando a mulher lhe lançou um olhar indócil, a boca retorcida em puro desgosto.

Sophie bebeu o café quente rápido demais e sentiu a bebida queimá-la garganta abaixo. Desviou o olhar, estarecida pelo menosprezo que a fizera se sentir quase agredida fisicamente. Respirou fundo algumas vezes. A pobre mulher provavelmente só estava muito estressada, não era pessoal. Sophie colocou um sorriso no rosto, tomou um gole mais comedido de café e olhou de novo para a mesa ao lado, na esperança de que uma expressão amistosa fizesse aquela mãe se sentir melhor.

Na verdade, se enganou. A raiva no rosto da mulher se intensificara. Rugas se formaram ao redor de sua boca feito uma noz velha, e ela limpava o

rosto da menina de forma brusca, os guardanapos em sua mão esvoaçando como lençóis ao vento.

Era impossível não sentir o martírio da situação. Sophie titubeou por um instante, mas foi incapaz de ignorar o sofrimento da mulher, que estava claramente muito infeliz.

– Você está bem? – indagou Sophie com um sorriso hesitante, sentindo que tentava conversar com uma leoa.

– Se eu estou bem? – perguntou a mulher com rispidez.

A menininha começou a choramingar. O rosto da mulher se contraiu, a raiva e o rancor sendo substituídos pela mais pura infelicidade.

– Ah, Emma, meu amor.

Ela aninhou a menininha, com as mãos sujas e tudo, e a abraçou, esfregando suas costas.

– Pronto. Pronto. Desculpa a mamãe.

Sophie sentiu uma ligeira pontada de inveja e uma ínfima contração no útero. Um dia, quem sabe...

A menininha se segurou com firmeza na mãe e parou de chorar, depois se atirou com uma súbita felicidade na direção do pote de iogurte. A mãe sorriu, resignada, e balançou a cabeça.

– Sua sapequinha.

Ela deu um beijinho no topo da cabeça de cachinhos delicados como algodão-doce e pegou a pequenina no colo, pondo o iogurte na frente delas e oferecendo-lhe a colher.

Com um olhar tranquilo e comedido, embora seus olhos estivessem cheios de raiva e desgosto, a mulher encarou Sophie.

– Você perguntou se estou bem?

Seus olhos estavam marejados e a cabeça, erguida em um ar de desafio.

– Sim. Precisa de alguma ajuda? Parece um trabalho árduo. – Sophie sorriu para a menininha, que parecia muito mais feliz agora. – Ela é linda. Embora eu não inveje a bagunça. Quer que eu pegue mais guardanapos ou alguma outra coisa?

– Linda e *minha* – disse a mulher, parecendo assustada.

Ela passou o braço ao redor da menina em um gesto protetor.

– Sim – concordou Sophie, cautelosa.

Não era possível que a mulher a julgasse uma sequestradora de crianças.

– Embora você não se importe muito com isso, não é, Sophie? Pegar o que não é seu.

A mulher soou cansada, e Sophie viu seus ombros afundarem e uma expressão de dor surgir em seu rosto.

O sorriso de Sophie congelou. Algo no tom da mulher sugeria que ela sabia o que estava acontecendo. E como aquela desconhecida sabia seu nome?

– Eu só estava tentando ajudar.

Sophie já se arrependia até de ter feito contato visual.

– *Você? Ajudar?* – zombou a mulher, soltando uma risada amarga. – Acho que já ajudou demais, servindo meu marido.

– O quê?

A mão de Sophie parou no ar, a xícara de café a caminho da boca.

– Está orgulhosa? A vagabunda cheia de grana, com um apartamento em Kensington e a propriedade do papai em Sussex. Pesquisei sobre sua vida, lady Sophie Bennings-Beauchamp.

Sophie ficou boquiaberta. Aquela mulher tinha feito o dever de casa. Nenhum de seus colegas de trabalho fazia a menor ideia de nada disso. Sophie mantinha o passaporte bem longe dos curiosos. Na verdade, Kate já o vira, mas fora profissional e não comentara nada.

– Eu não uso... – começou a protestar ela de forma automática, porque sempre fazia isso.

Mas a mulher a interrompeu:

– Vida boa, cheia de conforto. Não é de admirar que James prefira passar metade do tempo com você. Sem roupa pendurada pela casa, sem bebê chorando a noite toda.

Sophie enrijeceu. Quando abriu a boca, teve consciência de que suas palavras soariam como os clichês dos romances.

– James? O que James tem a ver com isso?

– James Soames. Meu marido. Passa a semana em Londres, fica com a esposa e a filha em Newbury de sexta a domingo.

Foi como se as pernas de Sophie virassem chumbo e ela afundasse na cadeira.

– Mas ele vai para a Cornualha. Está lá neste exato momento.

– Não, não está, sua burra. Ele está cortando grama no número 47 da Fantail Lane, em Newbury, e depois vai construir um balanço para Emma.



## Capítulo 2

O coração de Sophie deu um pulo desconfortável quando o aviso de “Aper-te o cinto” acendeu. Tarde demais para mudar de ideia. Para ficar se per-guntando se tomara uma decisão precipitada.

Ao seu redor, as pessoas começaram a arrumar os pertences que tinham espalhado durante a viagem de sete horas – guardavam laptops e iPads, marcavam a página em que pararam no livro, dobravam cobertores. Do ou-tro lado do corredor, Sophie viu luzes piscando pela janela, cada vez mais nítidas conforme o avião descia. Sentiu a pressão nos ouvidos.

Então, com um baque e um solavanco, o trem de pouso tocou o solo e o avião começou a desacelerar. Ela estava mesmo ali, com a bolsa cheia de dólares, um endereço no Brooklyn e uma mala com pouquíssimas roupas para os seis meses seguintes. Será que pegara um suéter mais quente? Luvas? O inverno de Nova York era bem rigoroso, não era?

Ainda pensando na própria incompetência em arrumar a mala, Sophie se obrigou a dar um tchauzinho para a tripulação sorridente na cabine, recusando-se a ceder à fortíssima tentação de agarrar um deles e implorar para retornar a Londres.

Era o cansaço, disse a si mesma ao percorrer o túnel cheio de eco. O piso balançava de leve sob seus pés e o ruído de malas ricocheteava nas paredes de metal. Ainda havia muita coisa pela frente: passar pela imigração, ar-rumar um táxi, conhecer pessoas e morar em uma casa nova. Nas últimas horas, Sophie tinha vivido no limbo quase agradável de uma terra de nin-guém, na qual não era preciso pensar em mais nada além de a qual filme as-sistir, se comeria carne ou frango e como abrir a embalagem do pãozinho.

Agarrou com mais firmeza a alça da mala de mão, como se isso pudesse lhe dar algum tipo de coragem mágica, e seguiu a fileira de pessoas à frente, a maioria andando de forma objetiva, sabendo aonde ir. Sophie virou em uma esquina e entrou na área de controle de passaporte. Olhou para cima na mesma hora e viu a bandeira americana pendendo do teto. Sentiu o estômago revirar. Sabia que seus documentos estavam em perfeita ordem, mas ouvira histórias pavorosas sobre a imigração dos Estados Unidos.

A situação não parecia mesmo boa. Havia apenas alguns guichês abertos e a fila estava imensa. No instante em que a fila andou, Sophie segurou o passaporte com mais força e tentou parecer inocente, uma resposta instintiva à expressão severa dos policiais armados.

Quando finalmente chegou sua vez, ela estava exausta, mas também irritada. O avião pousara fazia mais ou menos uma hora e meia, seu corpo ainda operava no fuso horário do Reino Unido e ela estava acostumada à inspeção indiferente dos europeus. Aquele longo processo de varredura completa e coleta de digital àquela hora, quando ela já sentia as pernas doloridas e a cabeça pesada, colocava à prova até mesmo sua considerável gentileza estilo Poliana.

Vários minutos se passaram enquanto o oficial de meia-idade esquadri-nhava o passaporte dela com uma expressão impassível, as sobrancelhas grisalhas separadas apenas por um vale de rugas. Ele olhou para Sophie, depois para o passaporte e então de novo para ela, que sentiu um frio na bar-riga. Sua cabeça pesada a fez oscilar de leve. Ele voltou a fitar o passaporte.

– Isto aqui é sério? – perguntou o homem, semicerrando os olhos para o passaporte e depois para ela. – Lady Sophie Amelia Bennings-Beauchamp.

Ela levou um instante para se adaptar ao sotaque americano nasalado e assentiu com um sorriso, como quem diz “Bom, é o que tem pra hoje”, dando de ombros.

– Tem uma coroa na sua mala?

A pergunta foi feita com um misto de agressividade e curiosidade.

Algum diabinho malicioso a fez responder, muito séria:

– Desta vez, não. Não tenho o costume de viajar com as joias da família.

– Muito bem, senhora. Ou devo chamar de Vossa Graça?

– Sophie está bom.

Ele pareceu estarrecido.

– Ou Srta. Bennings – acrescentou ela com um sorriso, satisfeita por ter quebrado aquela expressão oficial assustadora.

– Não de Srta. Bennings-Bowchamp.

Ele pronunciou errado o sobrenome Beauchamp, mas Sophie achou melhor não corrigir. Não àquela hora da noite. Ela chegou para a frente e sussurrou:

– Tento viajar incógnita. Por isso, uso só Srta. Bennings. É mais fácil.

Ele assentiu e pôs o dedo na frente da boca, olhando por cima do ombro dela e por todo o ambiente.

– Boca de siri.

– Obrigada.

– É um prazer, Srta. Bennings-Bowchamp – disse ele, errando a pronúncia mais uma vez.

Deu uma piscadela para Sophie e então franziu a testa.

– Está aqui a trabalho? – As sobrancelhas se uniram ainda mais. – Visto de trabalho?

– Meu pai perdeu minha herança em uma aposta – disse Sophie, como quem conta um segredo, começando a se divertir.

– Entendi.

Ele balançou a cabeça em pesar.

– Que tristeza, Vossa Graça.

– Eu não poderia vender os bens da família. Então tive que arrumar um emprego.

– Não parece justo.

Ele parou, o rosto contorcido em uma expressão de desgosto e empatia, e então, com um aceno educado de cabeça, acrescentou:

– Mas que bom para Vossa Graça.

Houve uma breve pausa quando ele lembrou, com um leve sobressalto, que tinha um roteiro a seguir.

– Então, onde vai ficar durante sua viagem?

Ela recitou o endereço que havia decorado.

– No Brooklyn?

– Isso – respondeu Sophie, sorrindo diante da decepção evidente do homem. – Não é ótimo?

Ele se endireitou e ergueu o queixo.

– Nasci e cresci lá, senhorita... Quer dizer, Vossa Graça. O Brooklyn mudou bastante com o passar dos anos. – Ele estremeceu. – Está em alta hoje em dia. Não é como no meu tempo. Espero que goste.

– Com certeza vou gostar.

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– A senhorita conhece a rainha?

Os olhos do homem brilharam de esperança e expectativa.

Sophie se ajeitou e olhou atentamente por cima do próprio ombro antes de se virar de novo para ele, arregalando os olhos como se o alertasse de que estava prestes a revelar algo supersecreto.

– Sim, minha família passa a Páscoa no Palácio de Buckingham todo ano – disse, baixinho. – O príncipe Philip é um doce de pessoa e os filhos de William e Kate são umas gracinhas. Mas não fale para ninguém que contei isso. Não devemos fazer comentários por aí.

Com uma rápida saudação, ele assentiu.

– Boca de siri. Mas mande um oi pra ela por mim. Meu nome é Don. Don McCready.

O homem sorriu.

– Espere só até eu contar pra Betty-Ann, minha esposa, que conheci você. Ela *adora* a realeza. Vai ficar doidinha.



As luzes neon passavam em um borrão enquanto o táxi acelerava, a rua movimentada mesmo tarde da noite. Sophie torceu o nariz ao notar o cheiro de comida no banco de trás do carro sujo, a horrível grade de metal que separava o assento do passageiro da parte da frente e a carranca e indiferença do motorista. Uma torrente de palavras em espanhol saía do celular acoplado ao painel do veículo, pontuada por algumas observações monossilábicas do homem.

Ela se recostou de novo no banco púido e ficou observando a rua através do vidro manchado conforme o carro mudava de uma pista para outra. Parecia o país que vira na televisão quando criança, nos episódios de *Nova York contra o crime*. Pessoas de todas as etnias seguiam pelas calçadas.

Salões de beleza eram vizinhos de borracharias, a grafia estrangeira das palavras a atingia em cheio e havia as franquias desconhecidas de fast-food – Golden Krust, Wendy’s, Texas Chicken & Burgers –, além da onipresença de McDonald’s, Dunkin’ Donuts e Seven Eleven, com a aparência de sempre, mas de alguma forma diferentes ali.

Por um instante, Sophie sentiu a forte tentação de cutucar o motorista no ombro e pedir que ele desse meia-volta. Respirou fundo e estremeceu. *Levanta a cabeça, Sophie, você optou por isso. Foi escolha sua.*

Ela pegou o celular e releu o e-mail com as informações do que fora combinado. A empresa tinha arrumado um apartamento para ela. Um imóvel de um quarto no Brooklyn, perto do metrô e a uma caminhada rápida do trabalho. Por um instante, a imagem do balão murcho de Mel passou por sua mente. A mesa de Brandi Baumgarten estaria pronta e à espera de Sophie na segunda-feira, dali a meras 31 horas.

Rolou a tela do celular e abriu o mapa do metrô que tinha baixado. Parecia loucamente intrincado em comparação com o mapa a que estava acostumada. Respirou fundo mais uma vez e fechou o aplicativo. No dia seguinte haveria tempo suficiente para se situar e planejar o caminho para o trabalho.

O táxi reduziu a velocidade ao sair da avenida principal e as ruas de repente ficaram mais interessantes, com vários bares, muita gente, cadeiras nas calçadas, um mundo de diversas nacionalidades nos restaurantes e estabelecimentos por onde passavam.

Com um guincho súbito do freio, o táxi parou e o motorista imediatamente se virou para trás.

– Quarenta dólares – informou, seco.

– É aqui? – perguntou ela, olhando pela janela na direção de várias lojinhas.

– Número 425. É bem aqui, moça – garantiu ele, e indicou o prédio com o polegar. – Como pediu.

– Ah, tudo bem.

Sophie não sabia como ele conseguira enxergar alguma numeração. Talvez fosse fácil para um morador local, talvez ela estivesse procurando no lugar errado.

O motorista já tinha descido e descarregava as malas dela na calçada.

– Obrigada – disse Sophie, com educação.

Vasculhou a bolsa cheia daquele dinheiro esquisito e pegou uma nota de 50 dólares. Sabia que dar gorjeta era importante nos Estados Unidos e, por um momento, entrou em pânico. Ela não fazia ideia se era muito ou pouco, mas, quase às três da manhã, só queria encontrar a fechadura eletrônica prometida, entrar no apartamento e desmaiar na cama.

– Pode ficar com o troco.

Ele pegou o dinheiro e pulou dentro do táxi antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, então as luzes vermelhas do carro se afastaram pela rua, dois olhos brilhando no escuro feito os de um demônio.

Com duas malas grandes e uma de mão, Sophie se viu parada ali na calçada. Sentiu um medo repentino e um aperto no peito ao inspecionar a fachada das lojas. Nenhuma tinha número na porta. Ela olhou para a rua, comprida a perder de vista. Havia algumas pessoas por ali e o som de gente falando alto na esquina mais próxima.

Sophie se virou e levou um susto quando um homem surgiu do nada. Devia ter mais de 2 metros; era o sujeito mais alto que ela já vira. Tinha pernas compridas e finas, ligeiramente arqueadas, e parecia saltitar enquanto andava até ela.

Mesmo pega de surpresa e sozinha em plena madrugada em um bairro desconhecido, Sophie sentiu o medo recuar quando dentes brancos contrastando com a pele escura sorriram para ela.

– Ei, moça, está tudo bem? Você parece meio perdida.

– Estou... hum... procurando o número 425.

Ele era muito maior do que ela e, estranhamente, tinha cheiro de alecrim. Farejando o ar de forma discreta, Sophie também identificou manjericão.

– Fica aqui em cima da Padaria da Bella.

Ele apontou para uma padaria, e só então Sophie identificou uma passagem estreita entre dois estabelecimentos.

– Você deve ser a moça inglesa.

– Sou eu mesma.

O aroma de manjericão tinha ficado mais forte, e ela deixou escapar, ainda sob efeito do jet-lag:

– Você tem cheiro de ervas.

– Ervas, Temperos e Tudo de Bom.

– Parece frase de livro infantil – refletiu Sophie.

E ela era quase uma Alice no País das Maravilhas.

O sorriso do homem se abriu ainda mais e ele apontou para uma vitrine algumas portas adiante. Sophie assentiu e se sentiu meio tola ao ver que “Ervas, Temperos e Tudo de Bom” era o nome da loja dele.

– Acabou de chegar? – perguntou ele, então riu na mesma hora. – Mas é claro que sim. Senão, por que estaria aqui na calçada, de madrugada, com um monte de malas? Meu nome é Wes. Deixa eu ajudar você com essas coisas.

Cansada demais para protestar, ela concordou. Ficou aliviada ao encontrar a fechadura eletrônica, que se abriu assim que ela inseriu o código. Wes a conduziu pela escada estreita, carregando as bagagens sem dificuldade, enquanto Sophie penava atrás dele. Seguia o aroma de ervas que escapava de alguns potes entocados na bolsa de lona que ele levava a tiracolo.

Lá no alto ele parou, em frente a uma porta pintada com um tom de vermelho muito vivo.

– Aqui está, 425-A. Bella mora aqui em cima. Ela aluga o prédio todo.

Ele pegou a chave da mão dela e fez as honras. Depois colocou as malas no corredor pequeno e acendeu a luz.

– Bem-vinda ao bairro.

Wes então lhe deu de presente um pote de alecrim, se despediu e, curvando-se um pouco ao passar pela porta, desapareceu assobiando alegremente escada abaixo.

Com toda a exaustão que sentia, o encontro rápido e amigável com um homem que lhe deu um pote de tempero fez Sophie achar que talvez a vida no Brooklyn pudesse ser tolerável, no fim das contas.

O corredorzinho dava em uma sala grande com várias portas. Ela viu o piso de madeira polido e duas janelas grandes e compridas, por onde entrava a luz da rua, e notou também alguns móveis na penumbra. Pôs o potinho em uma mesa e abriu a porta mais próxima. Acertara de primeira: era o quarto. Uma cama de casal, edredom, travesseiros, nenhum lençol. Droga. Não tinha pensado em levar essas coisas. Fazer o quê?

Ainda totalmente vestida, ela se jogou em cima do edredom e se enrolou nele. Seu último pensamento foi que dedicaria um tempinho extra a escovar os dentes pela manhã.

## CONHEÇA OS LIVROS DE JULIE CAPLIN

### DESTINOS ROMÂNTICOS

O pequeno café de Copenhague

A pequena padaria do Brooklyn

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

